

# TEXTO, DISCURSO E SENTIDOS

## **ORGANIZADORES**

Max Silva da Rocha

Maria Margarete de Paiva

João Benvindo de Moura

Emanuelle Maria da Silva Piancó

## Copyright © do autor

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

## FICHA CATALOGRÁFICA

---

R672t      Rocha, Max Silva da  
              Texto, discurso e sentidos / Max Silva da Rocha, Maria  
              Margarete de Paiva, João Benvindo de Moura e Emanuelle Maria  
              da Silva (organizadores) - Teresina: Editora Pathos, 2021.  
              323p.  
              ISBN 978-65-994244-3-4 [digital]  
              1. Discurso. 2. Texto. 3. Sentidos. 4. Retórica. I. Título.

CDD 410

---

### Imagem da capa:

Imagem criada por Patrick Tomasso (@impatrickt) e publicada em unsplash.com. Textura criada por Mockaroon (@mockaroon) e publicada em unsplash.com

### Diagramação, capa e projeto gráfico:

Vinicius Alves

### Conselho Editorial:

Argus Romero Abreu de Moraes (UFSJ); Bruna Toso Tavares (UEMG); Carlos Ângelo de Meneses Sousa (UCB); Edmilson José de Sá (UPE); Ida Lúcia Machado (UFMG); João Benvindo de Moura (UFPI); Ivanete Bernardino Soares (UFOP); Márcio Rogério de Oliveira Cano (UFLA); Max Silva da Rocha (UNEAL); Rony Peterson Gomes do Vale (UFV); Rosane Monnerat (UFF).



editora  
**PATHOS**

contato@editorapathos.com.br

editorapathos.com.br

Teresina - Piauí

2021

# UM NOVO OLHAR PARA A TRAJETÓRIA DAS PAIXÕES: O PAPEL DO ETHOS, O PROTAGONISMO DA CONFIANÇA E A POSSIBILIDADE DO ENCADEAMENTO PASSIONAL<sup>1</sup>

Maria Flávia Figueiredo  
Alan Ribeiro Radi

---

## Introdução

O desenrolar da vida em sociedade e o domínio da linguagem verbal desenvolveram-se de modo tão amalgamado que resulta impossível refletir sobre um desses temas sem pensar no outro. A linguagem foi o meio mais profícuo encontrado pelo homem para transmitir ao outro seus pensamentos, seus sentimentos, seus anseios; ela é, também, uma ferramenta de ajustes necessários ao trato e ao convívio social. Dentre as várias funções da linguagem, encontramos duas que nos interessam de maneira particular: a do convencimento e a da persuasão. Essas funções languageiras tornaram-se, também, objeto de investigação de Aristóteles, o filósofo de cidade grega de Estagira.

As reflexões empreendidas por ele sobre a linguagem situam-se dentro dos domínios da Retórica. Esse campo do saber se interessa por temas relacionados às técnicas argumentativas, à construção de imagens discursivas de si e dos outros pelos sujeitos falantes, às paixões (emoções) pelas quais os homens estão passíveis de serem acometidos, dentre tantos outros temas.

Uma vez no domínio da Retórica, este trabalho buscará tecer considerações a respeito das emoções humanas. Para isso, lançará mão de um conceito retórico atual denominado *trajetória das paixões*. O texto buscará, dessa maneira, desvelar as correlações existentes entre o percurso das paixões e as imagens dos sujeitos discursivamente criadas.

Selecionamos, como objeto de análise, o excerto de uma pregação católica disponibilizada no YouTube. Motivados pelas reflexões de Ferreira (2010) acerca do contexto retórico, apresentaremos, a seguir, algumas informações a respeito de nosso objeto de pesquisa.

---

1 - Trabalho desenvolvido com fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – código de financiamento 001.

O vídeo<sup>2</sup> se intitula *O espírito santo usa católica, pra falar com crente pentecostal* e se encontra disponível no YouTube no Canal da preta. Ele tem a duração de 6'06'' (seis minutos e seis segundos), e nossas análises contemplarão os enunciados contidos entre 0'00'' e 4'21''. Essa seleção se dá pelo motivo de que o objeto de nossa investigação não se assenta no excerto da pregação propriamente dito, mas, sim, em uma narrativa contida dentro do excerto da pregação. Essa narrativa é composta por uma história, acredita-se, real e tem como tema o conteúdo expresso no título do vídeo: o espírito santo usa uma católica para falar com uma crente pentecostal.

Em posse de tais informações, vejamos alguns aspectos de caráter teórico que fundamentarão nosso trabalho.

### **A trajetória das paixões**

Como nosso leitor deve ter observado anteriormente, este trabalho pretende refletir acerca de questões atinentes às paixões aristotélicas. Nesse ínterim, urge ressaltar que as paixões são um dos tópicos que interessou ao filósofo de Estagira ao escrever a sua obra *Retórica*. Nela, Aristóteles sistematiza a teoria que tem esse mesmo nome, fornecendo aos analistas do discurso retórico um guia sobre as questões que devem ser levadas em consideração durante a análise do processo persuasivo. Tomemos as palavras que o próprio pai da retórica utiliza para descrevê-la: “a faculdade de observar, em cada caso, o que este encerra de próprio para criar persuasão” (ARISTÓTELES, 2011, p. 44). É nesse contexto macro, de busca pela persuasão, que se enquadra nosso estudo, isto é, ele possui gene Retórico.

Avaliemos o que o estagirita assevera sobre os meios de se obter persuasão:

Há três meios de persuasão supridos pela palavra falada. O primeiro depende do caráter pessoal do orador; o segundo, de levar o auditório a uma certa disposição de espírito; e o terceiro, do próprio discurso no que diz respeito ao que demonstra ou parece demonstrar. (ARISTÓTELES, 2011, p. 45).

O excerto supramencionado nos coloca diante da tríade retórica. Cada uma das três asserções diz respeito àquilo que, em retórica, denominamos respectivamente *ethos*, *pathos* e *logos*. O *ethos* assenta-se sobre a figura do orador, é a imagem que discursivamente ele cria de si com finalidade persuasiva. Essa imagem, como dissemos, é uma criação discursiva, pois não tem obrigação de corresponder ao caráter empírico do

2 - Para maior compreensão das reflexões apresentadas, convidamos nosso leitor a assistir ao vídeo na íntegra, que se encontra disponível no link: [https://www.youtube.com/watch?v=a9k\\_pRjFo5M](https://www.youtube.com/watch?v=a9k_pRjFo5M)

orador, e sim ser adequada aos fins persuasivos pretendidos. A retórica não se preocupa com a verdade dessa imagem, pois se volta para os elementos capazes de gerar persuasão. Daí, a afirmação de que a retórica não é moral nem imoral, mas amoral. Ademais, gostaríamos de ressaltar um adendo à definição de *ethos* e afirmar nossa crença de que as figuras *ethicas* não são apenas as que o orador cria de si mesmo, mas, também, as de outros indivíduos que sejam relevantes para o processo persuasivo.

O *logos*, instância intimamente ligada à linguagem, representa o processo lógico de desenvolvimento da estrutura do discurso. Está associada a essa instância a seleção dos argumentos que comporão o discurso, bem como sua disposição, a seleção das figuras de retórica, a adequação gramatical e léxica conforme o auditório pretendido. O *logos* está associado ao êxito na composição do discurso.

A instância do *pathos*, por seu turno, está associada ao apelo emocional que o orador faz a seu auditório. As paixões aristotélicas dão substância ao *pathos*, dessa maneira, este trabalho será norteador por essa instância argumentativa. O apelo às paixões é tão forte e irresistível porque manipula as sensações de dor e de prazer (cf. ARISTÓTELES, 2011). Dores e prazeres causados na/pela relação incessante com o outro no convívio social (cf. MEYER, 2000).

Exporemos brevemente algumas considerações a respeito do mecanismo de funcionamento do *pathos*. A paixão acontece na relação incessante com outrem, dessa maneira, ela sempre é resposta à imagem concebida do outro em relação à imagem concebida de si mesmo pelo indivíduo. Ambas as imagens podem ser reais ou pairarem no domínio da imaginação; mais adiante refletiremos sobre isso com base em Meyer (2000). O gesto comparativo da imagem criada de si em relação ao outro pode gerar a sensação de superioridade, igualdade ou inferioridade (cf. FIGUEIREDO; SANTOS JÚNIOR, 2020). A paixão constitui uma forma de apaziguamento da diferença provocada no/pelo jogo das imagens.

A fim de aprofundar nossa investigação, lançaremos mão de um conceito que auxilia o processo de análise das emoções no discurso retórico e que se intitula *Trajatória das paixões*. Tal aparato teórico foi proposto por Figueiredo (2020) e aplicado a diferentes *corpora* por pesquisadores e membros do grupo de Pesquisa em Argumentação e Retórica – PARE. Esse movimento, além de atestar a eficácia da trajetória como instrumento analítico, deu origem a uma obra de quase 600 páginas que se intitula *Trajatória das paixões: uma retórica da alma*<sup>3</sup>.

3 - Convidamos nosso leitor a apreciar, de maneira mais detalhada, a trajetória das paixões e diversas análises sobre ela na obra citada, em sua versão digital. Ela se encontra disponível para PDF no seguinte endereço eletrônico: <http://mariaflaviafigueiredo.com.br/downloads/paixoes.pdf>

A trajetória das paixões apresenta o acontecimento das emoções subdividido em cinco fases. Descreveremos cada uma delas a seguir.

A primeira etapa é a **disponibilidade** e refere-se à pré-disposição do auditório a ser acometido ou não por determinada paixão. A fim de explicar esse fenômeno, Figueiredo (2020) lança mão de um recurso metafórico: o das prateleiras de uma despensa. Consideremos que, em uma prateleira, alguns itens são posicionados mais à frente pela frequência com que são usados e outros mais atrás pelo mesmo critério. O mesmo acontece em nossa mente em relação à disposição das paixões. O que determina essa “organização” são, segundo a autora, nossas crenças, valores, hábitos e experiências acumuladas. Esse fator faz com que o conjunto das paixões mais e menos disponíveis seja extremamente variável em cada auditório. Daí, a necessidade de um orador conhecer intimamente seus interlocutores, pois um equívoco em relação ao universo passional do auditório poderá acarretar, por parte do orador, a construção de um discurso também equivocado, o que poderá implicar o despertar de paixões diferentes daquelas pretendidas por ele, e, assim, o resultado persuasivo será catastrófico.

Quando uma paixão se encontra disponível em um auditório e o orador logra detectá-la, este terá condições de construir um discurso que seja capaz de despertar, em seu auditório, processos identitários. Assim, dá-se origem à segunda etapa do processo: a **identificação**. O desenvolvimento dessa etapa acontece em primeira pessoa, isto é, o indivíduo se identifica com a enunciação do orador, ele se vê representado nela. O discurso revela para ele quem ele é, quais são seus valores, ideais, crenças, medos e alegrias, ainda que isso não lhe seja claro. Quando o orador logra tal êxito mediante seu auditório, Figueiredo (2020) dirá que o indivíduo sente-se interpelado na alma e fica propício para a próxima etapa do processo persuasivo.

Mobilizado por uma paixão nele disponível e sentindo-se identificado pelo discurso, o auditório começa a sentir os efeitos da emoção que o assola. Temos, assim, a etapa do **despertar da paixão**. Nesse momento, os “sintomas” da paixão fazem-se ecoar no corpo físico dos que estão tomados por ela. Essa sensação não é imaginária, mas empiricamente sentida. Assim, sustenta-se a afirmação de que as emoções provocam dor e/ou prazer. A dor e o prazer sentidos levam o homem a repensar seu julgamento. Inicia-se, então, a próxima etapa da trajetória.

A **mudança de julgamento** é diretamente impactada pelas sensações de dor e ou prazer ocasionadas pela etapa anterior. De acordo com Figueiredo (2020), a mudança de julgamento evidencia uma conjunção entre o corpo e a alma. A alteração do estado físico, positiva ou negativa, leva

o intelecto a rever e modificar seu veredito sobre um tema determinado. Em razão dessa alteração, o auditório é convidado a agir. Chegamos, então, à última etapa da trajetória das paixões, qual seja: **a ação**.

A ação do auditório, seja qual for a válvula motriz que a gerou, é consequência do sucesso alcançado nas demais etapas da trajetória. Parafraseando Meyer (2000), podemos dizer que, se houve ação, a paixão também se fez presente. A **ação** fecha o ciclo proposto na trajetória porque é o objetivo de qualquer discurso retórico. O orador que leva o auditório a agir cumpriu o propósito que o levou a discursar.

Passamos, dessa maneira, pela definição de cada uma das etapas da trajetória das paixões na esteira de Figueiredo (2020). Gostaríamos de ressaltar que, embora não sistematizadas em forma de trajetória, as três etapas finais (**despertar da paixão, mudança de julgamento e ação**) já são tema de inúmeras reflexões na literatura retórica. A grande novidade trazida por Figueiredo em sua proposta são as duas etapas iniciais: **disponibilidade e identificação**. A partir da importância dessa inovação, a pesquisadora traça algumas considerações acerca de outros elementos de retórica que possam exercer influência nessas duas etapas iniciais.

Acerca de tais elementos, gostaríamos de ressaltar a figura do *ethos*. Ora, o *ethos* é uma instância estreitamente ligada ao orador, que, por sua vez, é responsável pela escolha dos argumentos, das figuras e de toda a constituição do *logos*. Dentre essas escolhas, também está a eleição da imagem que cria de si e, se for o caso, de outros indivíduos. Conforme vimos de antemão, as paixões atuam sempre como respostas às imagens que o auditório aceita como verdadeiras a respeito de si e dos outros. Assim, é o orador quem conduzirá o delineamento dessas imagens e, conseqüentemente, o das possíveis paixões que serão despertadas. Dessa maneira, passamos a nos questionar: qual é a influência exercida pelo *ethos* na condução das paixões desde a etapa da disponibilidade? Acreditamos que a resposta a esse questionamento poderá trazer novas luzes para o entendimento e as futuras aplicações da trajetória das paixões.

Após essa exposição, passemos às considerações sobre o *ethos* que nos auxiliarão em nossas reflexões e numa possível resposta para o questionamento levantado.

### Os *ethe* construídos

Como pudemos perceber, no item anterior deste trabalho, as questões concernentes à instância do *ethos* exercem importante participação na trajetória das paixões. Dessa maneira, vamos nos dedicar a tecer algumas considerações que julgamos importantes a respeito dessa instância retórica.

De imediato, podemos dizer que duas construções *ethicas* distintas podem ser detectadas na pregação analisada: a da oradora e a da irmã pentecostal. A oradora, Alessandra, apresenta discursivamente alguns traços específicos que atuam na composição global de seu *ethos* e, também, no da irmã pentecostal. Analisemos cada um deles.

Consideremos o primeiro enunciado em que Alessandra fornece pistas de sua constituição *ethica*: “e um dia voltando de metrô para casa... com uma pasta pesada... aquele monte de diários... dez horas da noite” (ALESSANDRA, 2017). Os elementos linguísticos selecionados para a construção desse enunciado nos direcionam para a interpretação de uma figura de professora. Os objetos que a oradora levava consigo, “pasta pesada” e “monte de diários”, justificam nossa percepção. As informações de que ela utiliza transporte público (metrô) e volta tarde para casa (às dez horas da noite) atuam na formação de um *ethos* de mulher guerreira e trabalhadora. A construção desses dois traços *ethicos* de virtude, extremamente relevantes, está a serviço do reforço ou fortificação de um *ethos* protagonista ligado à figura da oradora que evidenciaremos a seguir.

O *ethos* protagonista que mencionamos é o de religiosa/pregadora. Observemos alguns enunciados a esse respeito. Quando diz: “na hora que eu falar para ela que eu sou católica...” (ALESSANDRA, 2017), a oradora evidencia a religião à qual pertence. Esse enunciado apenas coloca a afirmação de ser católica em primeira pessoa, porque o contexto de enunciação do discurso já deixa evidente que ela é católica e pregadora. Aliás, cumpre ressaltar que o fato de ela ser convidada para pregar em um canal televisivo católico faz com que seu *ethos* prévio de pregadora séria e confiável seja ressaltado. O enunciado “fiz prova com Deus igual o Gideão fez” (ALESSANDRA, 2017) ressalta uma imagem de mulher conhecedora do texto bíblico, a construção de uma analogia embasada em um personagem bíblico evidencia esse conhecimento. Dentre os elementos de construção *ethica* de certa forma positivos que apontamos, emerge um traço aparentemente negativo ligado à imagem da oradora. Quando ela enuncia “na hora eu pequei... porque o demônio não dá uma folga” (ALESSANDRA, 2017), emerge-se um *ethos* de pecadora. Entretanto, uma análise mais cuidadosa ressalta o caráter positivo dessa colocação para a imagem de si que a oradora constrói, pois o pecado se dá às custas de uma investida do demônio, conforme os dizeres analisados. Ora, no universo religioso, é bastante conhecida a visão de que o demônio tenta levar a pecar aquele que está a serviço do bem, ou seja, se ela foi tentada, é porque é uma pessoa iluminada, cheia da presença de Deus ou, pelo menos, tenta ser assim. Eis, pois, alguns traços de caráter *ethico* ligados à oradora que o discurso, por intermédio de seus elementos, permitiu-nos captar.



Depois de havermos perscrutado alguns traços característicos do *ethos* da oradora, passemos a uma análise de mesmo teor a respeito da imagem que se evidencia da irmã pentecostal por intermédio do discurso de Alessandra.

A respeito da figura da irmã protestante e de seu *ethos*, pudemos observar uma ocorrência interessante. Não é feito, durante a proferição do discurso, nenhuma menção ao nome da irmã e nem mesmo é dito se a oradora tem conhecimento desse dado. Esse fato faz com que ela seja caracterizada apenas como a irmã dotada de características pentecostais. Tais características são verbalizadas no seguinte enunciado: “vi uma senhora com a saia preta e uma blusa verdinha escrita assim: ‘exército do Senhor’...” (ALESSANDRA, 2017). A partir dessa descrição da irmã, que é feita logo no início do discurso em questão, ela vai ser retomada textualmente sempre como irmã ou irmã pentecostal. Da mesma forma que não acontece nenhuma ocorrência linguística do nome da irmã, também não há, na narrativa da oradora ou no discurso indireto da irmã, afirmação alguma de que, de fato, ela seja pentecostal. O contrário, entretanto, se verbaliza. Avaliemos um enunciado: “essa dona tem cara de pentecostal” (ALESSANDRA, 2017), ou seja, a esse respeito, temos acesso somente ao plano da construção mental de identidade que a oradora criou de seu auditório. Por mais que não tenhamos acesso, como mostramos, a uma confirmação da religião da irmã protestante, bem mais adiante, a oradora novamente a denominará pentecostal e, não obstante, “pentecostal roxa”, vejamos: “Gente!... a mulher... a pentecostal roxa” (ALESSANDRA, 2017). Essa expressão idiomática do português brasileiro, construída por um adjetivo que denote filiação a alguma instituição + roxo(a), denota fanatismo, pertencimento com afincamento à instituição em voga. À parte das considerações acerca do estereótipo religioso da irmã construído textualmente, há um momento na narrativa da oradora em que, por intermédio de discurso indireto, ela usa as próprias palavras da irmã para descrevê-la, vejamos: “ela falou ‘eu era casada... meu marido saiu de casa... me deixou com quatro crianças pequenas... eu moro de aluguel... e eu fui despejada essa semana’” (ALESSANDRA, 2017). Dessa maneira, temos acesso a um *ethos* de pessoa em dificuldades financeiras e psicológicas – podemos supor – ocasionadas pelo abandono do marido. Entretanto, essa imagem da irmã serve apenas para justificar a ocorrência e a necessidade da situação que está sendo narrada pela oradora. O mais importante para os fins desta análise é a figura *ethica* de religiosa da irmã protestante e, estereotipicamente, descrita como pentecostal.

As reflexões empreendidas até aqui nos colocam mediante uma possibilidade interessante de análise. Da forma como se deu o processo de construção da imagem de si e da irmã pentecostal pela oradora, podemos

afirmar a construção de dois *ethe* pessoais que refletem, em seu âmago, dois *ethe* institucionais: o da igreja católica e o da igreja pentecostal. Muito mais que isso, evidencia-se uma rixa existente não entre as religiões como instituição, mas entre os fiéis de uma e da outra. Afirmamos isso porque, quando Alessandra se apresenta como uma serva do Senhor que trabalha na igreja católica, a reação da irmã pentecostal é a produção de uma interjeição que demonstra negação. Consideremos: “e eu disse para ela ‘minha irmã, meu nome é Alessandra... sou serva do Senhor Jesus na igreja católica’... ela olhou para mim e falou assim ‘**uhmm**’[...]” (ALESSANDRA, 2017). Destacamos em negrito a expressão de negação para explicar que, no momento de proferição do discurso, aqueles que o assistiram na íntegra certamente observaram que, em termos prosódicos, a duração dessa interjeição é longa e acompanhada de uma expressão facial que denota antipatia e pouco interesse.

Outro ponto interessante para considerar é a forma com que esse movimento de repelir o outro ou seu discurso com base nos laços ideológicos a que ele se vincula – no caso de nosso objeto, a religião – é uma prática corriqueira, aceita e, até mesmo, esperada por parte do outro. O que nos leva a essa percepção é o fato de que a indiferença pelo outro, que pertence a uma religião diferente, não parte apenas da irmã pentecostal. Antes disso, há a formulação de um estereótipo religioso por parte de Alessandra, quando ela julga como “modinha” a imagem que a irmã pentecostal assume. Vejamos: “Entre no metrô... vi uma senhora com a saia preta e uma blusa verdinha escrita assim: ‘exército do Senhor’... na hora eu pequei... porque o demônio não dá uma folga... falei agora tá todo mundo nessa modinha” (ALESSANDRA, 2017). A evocação da figura do demônio nesse enunciado é extremamente relevante e significativa. Mediante o contexto de polarização religiosa, utilizar a figura do demônio como o causador desse tipo de pensamento elucida e intensifica o distanciamento que essa diferença ideológica provoca. Lembremos que uma das formas de nomear o demônio é diabo, e um dos traços semânticos ligados a esse termo é “divisor”. De acordo com o dicionário Houaiss (2009, s./p., grifos nossos), etimologicamente essa palavra provém do latim eclesástico “*diabolus* tomado do grego *diábolos*, on ‘o que dá temor, **o que desune**, caluniador’”. Consideremos ainda, a esse respeito, os dizeres: “eu falei... ‘ah, Espírito Santo! Hum hum... essa dona tem cara de pentecostal... na hora que eu falar para ela que eu sou católica, vai dá B.O.’” (ALESSANDRA, 2017). Vejamos que Alessandra já espera, desde o princípio, que a comunicação entre ela e a irmã pentecostal seja problemática e disfuncional. O uso do termo B.O., que é uma sigla para Boletim de Ocorrência – documento lavrado em ocorrências policiais –, evidencia o nível de problematidade que a oradora espera da comunicação de uma católica e uma protestante.

As considerações traçadas até aqui estão embasadas em proposições retóricas acerca da imagem construída discursivamente, ou seja, do *ethos* tanto do orador como de qualquer outra pessoa de quem ele queira delinear uma imagem. Todavia, há também reflexões ligadas à instância do *pathos* que complementam a análise delineada. Consideremos: “as paixões refletem no fundo as representações que fazemos dos outros considerando-se o que eles são para nós realmente ou no domínio da nossa imaginação.” (MEYER, 2000, p. XLI). É exatamente a partir das imagens mentais construídas, *ethos*, que nascem distanciamentos como o que evidenciamos até aqui.

Alessandra, desde o começo, criou uma representação mental da irmã pentecostal que norteou todo seu fazer discursivo como oradora. Essa imagem construída da irmã protestante nasce da interpretação de uma imagem do mundo real associada a determinadas crenças que fazem parecer ser óbvio o pertencimento da pessoa dotada daquela imagem a uma determinada religião, no caso, a pentecostal. Essa obviedade é levada tão a sério que não houve registro algum que confirmasse o pertencimento da irmã à igreja pentecostal no decorrer do texto e, ainda assim, a imagem mental produzida do/sobre o outro se manteve durante todo o discurso.

Ora, encaminhando para a conclusão desta seção do trabalho, frisamos a importância que a imagem, que assumimos como verdade sobre nós e os outros, desempenha no processo persuasivo, especialmente no campo das emoções. Em nosso objeto de análise, as questões *éticas* se desembocaram em um problema retórico, um distanciamento ideológico relacionado à relação entre dois indivíduos pertencentes a duas religiões distintas. A paixão é sempre uma possibilidade de resposta para os problemas, neles estão englobados os que têm origem nas questões sociais. Consideremos:

A paixão é decerto uma confusão, mas é antes de tudo um estado de alma móvel, reversível, sempre suscetível de ser contrariado, invertido; uma representação sensível do outro, uma reação à imagem que ele cria de nós, uma espécie de consciência social inata, que reflete nossa identidade tal como esta se exprime na relação incessante com outrem. Reequilíbrio que assegura a constância na variação multiforme que o outro assume em sociedade, a paixão é resposta, julgamento, reflexão sobre o que somos porque o outro é, pelo exame do que o outro é para nós. (MEYER, 2000, p. XXXIX-XL).

Dessa maneira, por intermédio do arcabouço teórico das paixões, vislumbramos uma possibilidade de análise relacionada à resolução via *pathos* de um problema social conflituoso que se evidenciou na análise dos *ethes* aqui empreendida. Assim, torna-se evidente a afirmação feita por Figueiredo (2020) sobre a forma com que o *ethos* desempenha papel fundamental nas questões atinentes à trajetória das paixões,

principalmente na etapa inicial, a *disponibilidade*. Dessa forma, os problemas oriundos das imagens construídas de si e do outro pelo orador serão solucionadas por intermédio das paixões, que reequilibram a diferença evidenciada no jogo das imagens. Passemos, então, a uma análise das emoções – via trajetória das paixões – do discurso em questão, a fim de entender, de maneira mais efetiva, a forma com que as instâncias do *ethos* e do *pathos* se inter-relacionam.

### **A trajetória das paixões no âmbito do orador**

O título desta seção se explica pelo fato de considerarmos Alessandra – oradora do discurso analisado – como auditório de um orador metafísico, a saber, o Espírito Santo. No discurso da oradora, ela narra os momentos de interlocução com o divino que nos dão substância para tal análise.

Consideremos alguns enunciados a esse respeito: “na hora, o espírito santo disse para mim” e “eu falei... ‘ah, Espírito Santo! Hum hum’” (ALESSANDRA, 2017). Esses trechos trazem a narração de uma interlocução entre o divino, representado pelo Espírito Santo, e a oradora. Ressaltamos que não há indícios discursivos de como esse diálogo se deu. Nós o consideraremos um diálogo interno, uma espécie de interlocução via força de pensamento. Dessa interlocução, surge uma missão: dizer à irmã protestante que o Senhor lhe avisa que aquilo que ela orou na madrugada irá se realizar. As imagens de diferenças entre membros de religiões distintas provenientes do *ethos*, já evidenciadas, faz com que Alessandra tenha dúvidas se deve ou não transmitir a mensagem. Para ter certeza sobre esse assunto, a pregadora pede mais provas a Deus. Daí, surge o diálogo que se segue:

fiz prova com Deus igual o Gideão fez... “se for para eu falar, ela tem que ir para o mesmo sentido da estação que eu vou”... ela desceu do meu lado... eu falei “Ai, meu Jesus de Nazaré”... e aí eu fui lá para frente na plataforma... e ele falava comigo “fala para ela, filha... fala pra ela que aquilo que ela orou na madrugada eu vou conceder a ela”... eu não falei... aí... comecei a tremer... eu não sabia o que ela tinha orado na madrugada e não competia a mim saber... metrô tava vindo... eu disse “tá bom, Senhor, eu falo, mas ela tem que entrar no mesmo vagão que eu”... e ela pequenininha, gente... e eu com essas pernonas... e ela pequenininha... tava lá do outro lado... eu não sei o que que Jesus Cristo fez nas pernas daquela dona que ela entrou no mesmo vagão que eu... eu falei “ai, meu Deus, agora eu vou ter que falar”... quando eu fui para descer na estação Cidade Industrial, ela desceu na mesma estação... E aí não teve jeito... (ALESSANDRA, 2017).

Embasados no excerto do discurso apresentado e nas reflexões compreendidas anteriormente, percebemos que a primeira paixão aflorada em Alessandra pela situação comunicativa é o **medo**. A respeito dessa emoção, Aristóteles afirma: “definamos o medo como uma forma de padecimento ou perturbação gerada pela representação de um mal vindouro de caráter destrutivo ou penoso” (ARISTÓTELES, 2011, p. 137-138). Além da descrição da paixão do medo, convidamos o leitor a considerar alguns fatores.

O primeiro deles é o jogo de imagens, a respeito de si e do outro, construído pela oradora. Esse jogo evidencia uma natural distância ideológica existente entre membros de diferentes religiões. Em segundo lugar, percebemos que Alessandra tem dúvidas se deve ou fazer ou não fazer aquilo que o Espírito Santo pede a ela, como evidenciamos no início desta seção. Por fim, depreendamos que o descrédito que a irmã pentecostal pode oferecer à mensagem de Alessandra significa um tipo de dano penoso ou destrutivo sob a perspectiva dela.

Esse é o conjunto de fatores da antessala das paixões sentidas pelo orador. Dessa maneira, na etapa da disponibilidade, a paixão do medo mostra-se disponível na prateleira mental de emoções de Alessandra. A crença a respeito da distância ideológica existente entre as religiões, presente na constituição da pregadora, desperta nela aspectos identitários, o que a levará a experienciar a paixão do medo. O movimento descrito provoca dor na oradora e exige dela um posicionamento no que se refere ao julgamento a respeito da transmissão ou não da mensagem divina. Assim, ela é instada a agir. A ação se revela no pedido de mais provas para a confirmação de que deve ou não falar com a irmã pentecostal.

A paixão do medo (temor), vinculada ao ato de falar com a irmã pentecostal, é despertada com base na representação construída, pela oradora, do outro e de si mesma. As crenças norteadoras dessas imagens *ethicas* têm caráter coletivo e fazem parte da memória social. Essa memória se materializa em outros enunciados repetidamente presentes na sociedade. Citamos, como exemplo, uma norma social ditada em forma de jargão: “política, religião e futebol não se discutem”.

De acordo com o discurso de Alessandra, as respostas solicitadas ao divino aparecem em forma de ações de cunho paranormal, ligadas à movimentação da irmã protestante. Isso levou a pregadora a ser acometida pela paixão da **confiança**. O estagirita considera que “a confiança é o oposto do medo, e o que nos inspira confiança é o contrário daquilo que gera medo [...] Sentimo-nos confiantes se aquilo que é capaz de nos prejudicar está distante e o que pode nos manter seguro, próximo” (ARISTÓTELES, 2011,

p. 140-141). Desse modo, inicia-se uma vez mais uma trajetória das paixões. Os eventos considerados, por Alessandra, como paranormais, somados ao fato de eles terem se manifestado depois de ela ter clamado ao Senhor por provas, deixam-na propensa a sentir a emoção da confiança. Ela se identifica com esse contexto paranormal por intermédio da crença de que o Deus a quem ela serve é um Deus capaz de operar milagres. Essa experiência confere a ela prazer e desperta nela a paixão da confiança, o que a leva a uma mudança de julgamento sobre a transmissão da mensagem divina. Assim, ela chega à ação. O excerto de enunciado “aí não teve jeito” denota a impossibilidade de inação da pregadora mediante a interpelação sofrida na alma para que atendesse à solicitação feita.

A paixão da confiança, tratada no parágrafo anterior, abre espaço para o acometimento de mais uma trajetória passional, a do **favor** em relação à irmã protestante. Na esteira de Aristóteles,

a benevolência [favor] é o sentimento por força do qual alguém que dispõe de recursos presta ajuda àqueles que passam privações, não na expectativa de qualquer proveito para si em retribuição, ou alguma vantagem pessoal, mas exclusivamente no interesse do beneficiado por seu gesto. (ARISTÓTELES, 2011, p. 147-148).

Com base na definição aristotélica, avaliemos a trajetória de acometimento dessa paixão.

A necessidade de transmissão da mensagem do Senhor para a irmã evidenciou a disponibilidade da paixão do favor em Alessandra. A crença de que Deus tem a necessidade de objetos que o auxiliem em sua obra (a figura de Maria, por exemplo, é usada, para os católicos, como um modelo dessa necessidade divina) pode ter feito com que Alessandra se identificasse. O fato de considerar-se um objeto divino pode ter provocado nela prazer. O prazer sentido, somado ao êxtase causado pela paixão da confiança, levou-a a agir. A ação foi o anúncio da mensagem do Espírito Santo para a irmã. Evidencia-se claramente a paixão do favor uma vez que, assim como é proposto na definição, Alessandra não tem pretensões relacionadas à transmissão da mensagem, pelo contrário, sua expectativa é a de deparar-se com um problema comunicacional junto à irmã protestante.

Desse modo, temos diante de nós um percurso que passa pelo acometimento das paixões do **medo**, em seguida, desperta-se a **confiança** e, em decorrência dela, temos uma ocorrência da paixão do **favor**. Esse percurso leva Alessandra a dizer para a irmã protestante aquilo que o Espírito Santo quer que ela saiba. Após o anúncio, a narrativa se desenrola de forma que a pregadora é acometida por mais duas paixões. Passemos à análise de cada uma delas.

Antes de tratar especificamente das duas paixões, cabe informar ao nosso leitor que a reação da irmã, mediante o discurso de Alessandra, foi bastante diferente do imaginado. Veremos isso mais detalhadamente na próxima seção deste trabalho. Por hora, basta-nos saber que, de tanta alegria, a irmã pentecostal colocou-se a dançar no meio do metrô com Alessandra. Consideremos o excerto a seguir:

Gente!... a mulher... a pentecostal roxa... ela segurou meu braço e gritou “ETA, Jeová”... e eu assustei... e ela falou “eta, Jeová” e começou “ro...ri...a...bala...cântara...” e dançando comigo... e aí os meus diários caíram... e foi aquele mico no metrô... porque ela dançava e dançava... e eu falava “dona, me solta, me solta”... aí... os universitários da PUC olharam para mim... olharam para ela... e falaram assim “nunca vi duas mulheres dançando no metrô”... falei “Nem eu... eu também nunca vi”... com muito custo ela me soltou... e eu estava com os olhos arregalados de tanto que sapateou e gritou e glorificou... e eu falei “Deus... se eu tivesse falado lá... não tinha pagado o king Kong... Senhor”... quando ela terminou... ela se recompôs... e eu fui juntar os diários... e ela falou assim “Irmã... Deus te usou”... falei “é... eu tô vendo... é... ele usou bastante né?” (ALESSANDRA, 2017).

O ato de dançar, praticado pela irmã protestante, e de forçar Alessandra a fazer o mesmo causou, na oradora, a paixão da **vergonha**. Aristóteles define essa paixão, chamada de pudor na versão da obra aqui utilizada, da seguinte maneira: “podemos definir o pudor como uma forma de aflição ou perturbação gerada por ações deploráveis – realizadas no presente, no passado, ou no futuro – capazes de nos desonrar.” (ARISTÓTELES, 2011, p. 142). Como vimos anteriormente, a paixão ressalta sempre um desnível de inferioridade ou superioridade da imagem de si em relação à imagem do outro. A vergonha ressalta uma inferioridade mediante o julgamento do outro em relação a uma ação praticada: no objeto analisado, a dança. Em nosso contexto analítico, cumpre salientar, a imagem julgada superior não é a da irmã protestante, e, sim, materializada discursivamente pelos universitários da PUC.

Além da vergonha, temos o acometimento da paixão da **indignação**. Em termos gerais, a paixão da indignação está associada a não aceitação de um bem recebido por alguém que não o merece. A esse respeito, Meyer (2000, p. XLVI) assevera que “o que Aristóteles sublinha expressamente é que a indignação reflete a não-aceitação (moral) do espetáculo das paixões, de sua desordem”. Sob nosso olhar analítico, essa paixão está relacionada à forma cômica com que a oradora se refere ao uso excessivo que o Senhor fez dela como missionária, quando diz, ao final do excerto supracitado, que ele a usou bastante. Dessa maneira, a paixão da indignação pode ser

considerada uma continuidade da paixão da vergonha, uma vez que está embasada na intensidade da vergonha.

Apresentamos, dessa maneira, a trajetória das paixões no âmbito do orador. Na próxima seção, trataremos das paixões concernentes à irmã protestante, auditório de Alessandra na situação narrada.

### A trajetória das paixões no âmbito do auditório

As análises empreendidas até aqui demonstraram o movimento passional que levou Alessandra a romper com as diferenças religiosas em relação a uma irmã pentecostal e transmitir a ela uma mensagem inspirada pelo divino. Passemos, agora, a uma análise das paixões acometidas na irmã protestante, como auditório do contexto narrado pela pregadora. Observemos, antes, a narrativa sobre esse momento:

e eu disse para ela “minha irmã, meu nome é Alessandra... sou serva do Senhor Jesus na igreja católica”... ela olhou para mim e falou assim “uhmm...” [expressão que revela antipatia]... eu falei “eu te falei”... e ele disse assim para mim “fala para ela que aquilo que ela orou na madrugada eu vou conceder a ela”... e eu falei “o meu Deus manda te dizer que aquilo que você orou na madrugada ele vai te conceder”... Gente!... a mulher... a pentecostal roxa... ela segurou meu braço e gritou “ETA, Jeová”... e eu assustei... e ela falou “eta, Jeová” e começou “ro...ri...a...bala...cântara...” e dançando comigo. (ALESSANDRA, 2017)

Mediante a apresentação de Alessandra como uma serva do Senhor na igreja católica, a paixão percebida, no interlocutor, é a do **desprezo**. Enquanto a **emulação** é uma paixão que leva à imitação daquilo que admiramos, Aristóteles vai afirmar que o desprezo é o seu contrário. Daí, a afirmação do filósofo grego: “conclui-se necessariamente que aqueles que se encontram no estado quer de sentir quer de provocar emulação têm necessariamente a propensão de desprezar indivíduos e coisas detentoras das deficiências que se opõem às qualidades que suscitam emulação” (ARISTÓTELES, 2011, p. 160). A suposta reação da irmã pentecostal evidencia, nela, a disponibilidade para a paixão do desprezo. O pertencimento religioso da pregadora à igreja católica, a crença social compartilhada da existência de diferenças entre as religiões, possivelmente, somados à crença de que sua religião é o melhor modelo a ser emulado fez com que a irmã protestante identificasse, em Alessandra, um antimodelo de emulação. Esse ciclo possivelmente lhe causou prazer, por pertencer a um grupo digno de ser emulado, e dor, pelo incômodo causado pela irmã de religião oposta. Dessa maneira, seu juízo foi alterado



levando-a à produção de uma interjeição de antipatia evidenciada na narração de Alessandra. Salientamos, entretanto, que a paixão do desprezo não leva o interlocutor a virar as costas e ir embora, necessariamente. Por isso, alguns autores preferem denominar essa paixão como indelicadeza. Uma simples menção de “pouco caso” em relação a algum objeto ou ao discurso apresentado, como é o caso em nosso objeto de pesquisa, constitui fator de análise para essa emoção.

Mesmo diante de uma sinalização de desinteresse pela comunicação por parte da interlocutora, Alessandra prossegue com sua mensagem, e o conteúdo de seu discurso proporciona um rearranjo favorável das paixões disponibilizadas, o que leva a irmã pentecostal a ser acometida pela paixão da **confiança**. Como já vimos anteriormente, a paixão da confiança é marcada pelo sentimento de que aquilo que nos protege está mais próximo de nós do que aquilo que nos pode causar danos. Assim, a correspondência entre a realidade da irmã protestante e o discurso de Alessandra gera identificação na interlocutora e traz à tona a paixão da confiança, que já se encontrava disponível em sua prateleira de emoções. Antes de prosseguirmos, façamos um adendo que explica a correspondência entre o discurso de Alessandra e a realidade da irmã pentecostal. O Espírito Santo queria que a irmã protestante soubesse, por intermédio da pregadora, que aquilo pelo que ela orou na madrugada se realizaria. De fato, naquela madrugada, ela havia orado. Consideremos em que circunstâncias:

Ela falou assim “Eu era casada”. Eu falei “aham”... mas eu tava frouxa... gente... frouxa... com o coração Tá... tá... tá... ela falou “eu era casada... meu marido saiu de casa... me deixou com quatro crianças pequenas... eu moro de aluguel... e eu fui despejada essa semana... hoje eu orei na madrugada que Deus provesse um lugar para eu colocar os meus filhos... pra não deixá-los no tempo. (ALESSANDRA, 2017)

Nesse ínterim, a identificação da irmã acontece porque o discurso narrado espelha e revela para ela seu momento de vida e suas dificuldades. Assim, ela é acometida de prazer porque aquele a quem ela recorreu se mostrou presente. Acontece nesse momento uma mudança de julgamento em relação à figura da irmã católica. O ímpeto à ação se concretiza na dança e na glorificação no meio do metrô.

Podemos inferir, ainda, que a paixão da confiança deu vazão ao acometimento de outra paixão: a do **amor**. Na esteira de raciocínio do estagirita, “supomos que amar é querer para uma outra pessoa aquilo que temos na conta de bens, e isso em vista de seu interesse e do nosso” (ARISTÓTELES, 2011, p. 133). Ora, a partir do momento em que um

indivíduo deseja para o outro os mesmos bens que deseja para si, estabeleceu-se uma relação de igualdade entre os indivíduos envolvidos nesse processo. Por isso, o filósofo belga escreverá que “o amor, ou a amizade, é certamente um vínculo de identidade mais ou menos parcial. É o próprio lugar da conjunção, da associação – ao contrário do ódio, puramente dissociador.” (MEYER, 2000, p. XLIV). No contexto analisado, a paixão do amor representa a dissolução das diferenças religiosas postas entre religiões distintas. A concretização dessa dissolução se apresenta no ato de dançar com Alessandra, mesmo contra sua vontade, para glorificar a Deus, o qual as duas servem independentemente da religião.

Em relação à ação de dançar no meio do metrô, podemos notar como as paixões que acometeram cada uma das irmãs foram antagônicas. Alessandra teve vergonha. A irmã pentecostal, por seu turno, foi acometida pela **desvergonha**. Enquanto a vergonha ou pudor é um penar por atitudes que possam desonrar um indivíduo, conforme vimos antes, a desvergonha ou impudência “denota a posição de superioridade em que nos colocamos em relação ao julgamento do outro” (FIGUEIREDO, 2020, p. 37). Disso, podemos inferir que o prazer (êxtase) provocado pela paixão da confiança foi tão arrebatador que transformou em impudência o pudor relacionado ao juízo de valor alheio proveniente das demais pessoas presentes no metrô.

Apresentamos, assim, a trajetória das paixões do auditório de Alessandra, tomando como base a situação narrada por ela. Passemos, agora, à construção de algumas considerações importantes que tais análises nos permitem inferir.

### Um destaque para a paixão da confiança

Nos dois momentos distintos em que foi analisada a trajetória da paixão – o percurso do orador e o do auditório – percebemos uma importante atuação da emoção da **confiança**. O que nos leva a inferir que essa paixão constitui uma das necessidades elementares do discurso retórico. Consideremos as circunstâncias em que nos esbarramos com o despertar dessa paixão em cada um dos momentos de análise com o intuito de corroborar nossa hipótese.

A primeira ocorrência se dá no momento de interlocução estabelecida entre o Espírito Santo e Alessandra. Conforme explicitado em análise, a paixão do medo tornava-se um impedimento para que a pregadora realizasse o que a instância divina lhe havia pedido: anunciar uma revelação para uma irmã pentecostal. Entretanto, a partir do despertar da confiança em Alessandra, acontece um rearranjo das

paixões disponíveis em sua prateleira mental. Esse movimento conduz ao acometimento da paixão do favor e, aí sim, a oradora se lança na missão de anunciar a revelação do Espírito Santo para aquela que era o objeto de seu temor. Dessa maneira, a paixão da confiança perfigura um sustentáculo de encorajamento a partir do qual a ação já não é mais passível de recuo. Consideremos que, quando Alessandra parte para falar com a irmã, todo o contexto que lhe causava medo ainda estava em vigência, entretanto, o temor já não tinha mais forças para deter a ação, pois a interpelação para agir estava ancorada na paixão da confiança. Ressaltamos, ainda, que a confiança é despertada porque o orador (Espírito Santo) fornece as provas necessárias para angariar tal paixão.

O segundo momento do surgimento da emoção da confiança é quando ela acomete a irmã pentecostal, durante a proferição do discurso de Alessandra, e se torna responsável pelo rompimento das barreiras ligadas aos *ethes* institucionais dos católicos e dos pentecostais, bem como da diferença ideológica existente entre eles. Tudo isso, devido a um processo de identificação proveniente da correspondência entre os fatos narrados pela pregadora e a vida da irmã pentecostal. Nesse tocante, as análises mostraram que a força dessa paixão foi tão avassaladora que deu origem à paixão do amor em relação à pregadora, antes vista como objeto de desprezo pelo fato de pertencer a uma religião distinta. A confiança sustentou, ainda, todo o aparato passional da desvergonha em relação a dançar no metrô. A confiança emerge a partir do momento em que o orador já não pode mais ser enxergado como outra coisa além de um mensageiro de Deus.

Dessa maneira, parece-nos plausível a afirmação de que **a paixão da confiança é uma prerrogativa do acontecimento persuasivo**, porque, como vimos, o *pathos* é sempre resposta ao jogo das imagens de si e do outro, que são aceitas como verdadeiras ou muito plausíveis pelo auditório. O responsável pela construção, por meio do discurso, das imagens de si, do outro (de quem se fala), e até mesmo do interlocutor – individual ou coletivo – é sempre o orador. Dessa maneira, a confiança primeira deve estar ligada à instância do *ethos* e, somente, depois às outras imagens delineadas pelo orador por meio do *ethos* no qual o auditório confia. Isso nos leva a perceber que todas as possibilidades de rearranjo das paixões disponíveis, seja esse rearranjo positivo ou negativo, ocorrem graças ao nível de confiança que um orador logra alcançar para si.

Assim, em posse dessa reflexão, fica patente o papel essencial exercido pela paixão da confiança nos contextos ditos retóricos.

## A paixão como um estado móvel

Outro aspecto a respeito do qual gostaríamos de chamar a atenção do leitor é sobre o caráter móvel inerente às paixões. De acordo com as proposições de Meyer (2000, p. XXXIX), “a paixão é decerto uma confusão, mas é antes de tudo um estado de alma móvel, reversível, sempre suscetível de ser contrariado, invertido”. Em outras palavras, as sensações causadas pelas paixões não são definitivas, rígidas e imutáveis. Nosso objeto de estudo mostra-nos claramente, na prática, a ocorrência desse fenômeno teoricamente conceituado.

O caráter móvel das paixões evidencia-se, no objeto analisado, em relação à crença da diferença existente entre os membros das distintas religiões. Essa diferença foi evidenciada por nossas análises referentes às imagens *ethicas* e, também, norteou as análises do *pathos*. O movimento passional, no decorrer da história narrada, trabalhou para o apaziguamento dessa distância estabelecida no jogo de imagens e logrou êxito. Graças às paixões, Alessandra transmitiu o aviso do Espírito Santo à irmã protestante, e esta aderiu ao discurso, tomada pela paixão do amor. Esses são os sinais de que as diferenças foram reequilibradas pelo *pathos*. Entretanto, ao final da narrativa de Alessandra, fica patente o retorno da imposição exercida pela diferença existente entre as irmãs católica e protestante. Vejamos como isso se deu.

Consideremos os dizeres da irmã protestante que nos permitem enunciar tal conclusão: “hoje eu orei na madrugada que Deus provesse um lugar para eu colocar os meus filhos... pra não deixá-los no tempo... **Mas...** se ele usou teus lábios para dizer que ele proveu a minha oração... eu recebo em nome de Jesus” (ALESSANDRA, 2017, grifos nossos). Dos elementos linguísticos constituintes do excerto apresentado, o foco de nossa observação recairá sobre o uso da conjunção adversativa “**mas**”, precedendo o enunciado “se ele usou teus lábios para dizer que ele proveu a minha oração... eu recebo em nome de Jesus”. As conjunções adversativas, de modo geral, servem para apresentar enunciados controversos, que quebrem a cadeia lógica de raciocínio de acordo com a expectativa do enunciatário. Assim, a ideia contida em “Mas se ele usou teus lábios” é “não era esperado que ele usasse seus lábios”. A manifestada crença de que não era esperado que Deus usasse os lábios de uma católica para falar com uma protestante evidencia o ressurgimento da diferença existente entre elas pelo fato de pertencerem a religiões distintas e frisa a alternância dos acometimentos passionais.

## **O encadeamento das paixões**

Um aspecto bastante relevante a ser mencionado é a observação de que muitas das paixões não ocorrem de forma isolada, mas, sim, sequenciada. Como demonstrado na análise aqui empreendida, uma paixão, quando despertada, pode levar ao surgimento de uma outra, que, por sua vez, poderá desembocar na evocação de outra. Quando isso ocorre, estamos diante daquilo que denominamos o encadeamento das paixões.

A ocorrência de paixões de forma sequenciada configura um processo complexo em que uma paixão nem sempre constitui apenas a origem de outra, mas, muitas vezes, torna-se também o sustentáculo de todo o acontecimento passional.

Podemos recordar a ocorrência da paixão do confiança, na irmã protestante, que propiciou o surgimento da paixão do amor e ainda foi responsável por sustentar a paixão da desvergonha, que, por sua vez, aniquilou todo o poder exercido pelo julgamento alheio mediante a dança no metrô.

### **Considerações sobre outra possibilidade de análise**

As análises empreendidas até aqui levaram em conta dois auditórios distintos como palco para as possíveis paixões analisadas. Em razão disso, foram consideradas duas figuras distintas como orador. Assim, temos as duas modalidades de análise: 1) Alessandra como auditório do Espírito Santo e 2) A irmã pentecostal como auditório de Alessandra.

Analisamos apenas a narrativa de Alessandra e as paixões despertadas em suas personagens protagonistas (a própria Alessandra e a irmã pentecostal), não a pregação como um todo. Ressaltamos, com base em tais informações, a existência de pelo menos mais uma perspectiva possível para outra análise, não empreendida devido ao espaço limitado para o gênero capítulo de livro. Essa outra perspectiva possível consideraria as seguintes instâncias argumentativas: 1) Alessandra como oradora; 2) seus espectadores, ao vivo e também os televisionados, como auditório. Considerando essas premissas, o estudo buscaria evidenciar quais possíveis paixões a narrativa da pregadora provocaria em seus distintos auditórios. Apresentamos essa outra possibilidade para mostrar como o estudo das paixões, bem como de sua trajetória, é abrangente e ressaltar a importância de o analista ter muito claro em sua mente qual é o auditório a que ele vai aferir possíveis paixões. Essa informação altera não só a intensidade, mas a possibilidade do despertar ou não de determinadas paixões em detrimento de outras.

## Considerações finais

Propusemo-nos, ao início deste texto, refletir sobre as influências exercidas pela instância do *ethos* na *trajetória das paixões*. Dessa maneira, empreendemos algumas reflexões sobre esses dois conceitos teóricos e partimos para uma análise de *corpus*. Esse movimento nos permitiu elaborar algumas considerações importantes.

A primeira delas é que o *ethos* assume relevante participação no acontecimento das etapas da *trajetória das paixões* porque as emoções são respostas às diferenças emergentes do jogo entre as imagens que os indivíduos aceitam como verdade sobre si e sobre os outros ou, até mesmo, acerca de objetos e eventos. A construção dessa imagem é sempre discursiva e oriunda da figura do orador.

O segundo ponto importante é a necessidade que esse processo evoca da participação da paixão da confiança. Ora, se as paixões respondem ao jogo de imagens criadas pelo orador, o auditório deve, antes de tudo, confiar na imagem que o orador cria de si mesmo. Dizemos isso porque, somente em decorrência da confiança no *ethos* do orador, é que daremos crédito aos demais *ethe* por ele construídos, os quais, por sua vez, nortearão o surgimento das emoções pretendidas no discurso.

Assim, fica evidente o enfoque que Figueiredo (2020) deu à instância do *ethos* como elemento participante da constituição da *trajetória*, principalmente na etapa da disponibilidade.

## Referências

- ALESSANDRA. **O espírito santo usa católica, pra falar com crente pentecostal**. Youtube, 2017. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=a9k\\_pRjFo5M](https://www.youtube.com/watch?v=a9k_pRjFo5M). Acesso em: 29 abr. 2021. 06'06".
- ARISTÓTELES. **Retórica**. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.
- FERREIRA, L. A. **Leitura e persuasão: princípios de análise retórica**. São Paulo: Contexto, 2010.
- FIGUEIREDO, M. F. Ampliação e aplicabilidade analítica da “*trajetória das paixões*”. In: FIGUEIREDO, M. F.; GOMES, A. M.; FERRAZ, L. (org.). **Trajетória das paixões: uma retórica da alma**. Franca: Unifran, 2020. p. 29-55.
- FIGUEIREDO, M. F.; SANTOS JÚNIOR, Valmir dos. Uma incursão ao pathos: o método aristotélico de descrição das paixões e a relação hierárquica delas emanadas. In: FERREIRA, L. A. (org.). **Inteligência retórica: o pathos**. São Paulo: Blucher, 2020. p. 65-88.
- MEYER, M. Prefácio. In: ARISTÓTELES. **Retórica das paixões**. Introdução, notas e tradução de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.